



Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.  
Amor é a lei, amor sob vontade.  
A palavra da lei é  
Θελημα

Anno Vviii

☉ in 19° ♈, ☾ in 6° ♎

*Dies Martis*

08 de Abril de 2025 e.v.

*Colegiado dos Eremitas no Monte Abiegnus:*

*De Veritate Transmissae Epistola*

Cara Soror,

*Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.*

Obrigado por sua apreciação a minha Instrução na A:·A:· e o trabalho que tenho feito divulgando essas cartas a estudantes diversos. Você me pergunta por que fazê-lo? Porque este é o costume de nossa tradição thelêmica: anotar tudo, refletir profundamente sobre cada experiência e publicá-la, quando apropriado, como testemunho e guia. Esse princípio não é apenas um costume pragmático — ele é uma *lei espiritual* dentro do trabalho da A:·A:· — e do *esoterismo ocidental* moderno. Como afirma o *Liber E vel Exercitiorum*: *É absolutamente essencial que todo estudante formule para si mesmo um diário completo de suas práticas, experiências, êxitos, falhas, e observações.* Essa prática é eco daquilo que encontramos também em *Liber AL vel Legis* (II:64), onde se diz: *Escreve e encontra êxtase no ato de escrever!*

O ato de escrever — tanto como exercício de consciência quanto como forma de transmissão iniciática — não é apenas útil, mas um instrumento de transmutação mágica. O diário torna-se espelho e fornalha, onde o Ego é decantado sob o olhar do Sagrado Anjo Guardião. Como ensina o *Liber ThIshARB – Viae Memoriae*: *A prática da memória mágica não é para adornar o intelecto, mas para reestruturar o Ego sob a Luz da Verdade.*

Crowley reforça isso nos volumes do *The Equinox*, onde a A:·A:· publicava as experiências dos seus membros como parte essencial do registro da tradição. Não havia ocultação entre os iniciados — havia a instrução pública do que poderia ser dito, com clareza, ordem e método. Nas palavras do próprio Mestre

Therion: *A A:A: não guarda segredo de seus métodos. Cada passo é registrado com exatidão para que outros possam seguir.* — *The Equinox*, Vol. I, No. 1.

Esse impulso pela publicação — em periódicos, ensaios, cartas, livros — é herdeiro da tradição alquímica e cabalística europeia, mas assume forma viva em Thelema. Não apenas se escreve, mas se compartilha. E o que se compartilha se multiplica em luz. Pois como ensina *Liber VII* (I:40): *Estas minhas escritas são a verdade. Que ele que lê as palavras da verdade saiba que ele segura o cetro de poder.*

A missão de registrar e comunicar é, portanto, não só continuidade doutrinária, mas também *prática devocional e mágica*. Por isso escrevemos. Por isso publicamos. Por isso instruímos. Pois o que se cala adoece; o que se diz com retidão, liberta.

Você pergunta ainda sobre meu método. Ao assumir seu *Juramento Mágico*, um Mestre do Templo deve trazer a instrução abaixo do Abismo e entregá-la a seus discípulos sob uma assinatura mágica particular, revelando — ou melhor, esclarecendo com equilíbrio — os mistérios que estão acima do Abismo, àqueles que estão abaixo. Como ensina *Liber 418*, no 14º aethyr: *O Mestre do Templo deve abrir a flor de sua realização e verter seu mel nos cálices daqueles que têm sede. Mas ele deve fazê-lo sem orgulho e sem apego, pois não é ele quem ensina, mas a Luz que transborda.*

É essa *Luz que transborda* que me guia. Minha assinatura mágica é a de instruir segundo os *Livros Sagrados de Thelema*, não com sistematizações herméticas fechadas, mas com aforismos que, como gotas, penetram lentamente a terra da alma do Aspirante. Essa prática é fiel à natureza da própria transmissão mágica da A:A:, pois como afirma o Mestre Therion em *Liber Aleph*: *O ensino do sábio deve ser como o eco do trovão nos vales: ele não força a semente, mas prepara o solo.*

A função do Mestre do Templo não é transmitir uma doutrina para ser repetida, mas uma vibração para ser assimilada e encarnada. O método não é instrutivo apenas — é evocativo e transformador. Por isso, recorro aos *Livros Sagrados*: eles são, como o próprio Therion os chamou, *o Evangelho da Nova Era* (*The Equinox*, Vol. I, No. 7). São os textos vivos do Coração, e por isso cada aforismo que escrevo nasce de uma escuta interior, de um silêncio da alma que conhece *o peso e o vinho da Estrela*. Cada instrução é precedida por meditação e reflexão no cânone sagrado de Thelema. Assim como um *bàbáláwo* de Ifá procura um *itan* adequado ao problema do consulente no *odu* declarado pelo oráculo, procuro as respostas que meus discípulos precisam dentro do cânone sagrado, para que recebam a Luz pura da Estrela de Prata. Estou ali como um instrumento dessa Luz, nada mais, porque sou Ninguém (*nemo*).

Mas tal método exige contrapartida: o diário. Pois o que se transmite como Luz só se acende na carne do aspirante se for registrado, revisto, anotado, interrogado. Como já citado em *Liber E vel Exercitiorum* acima.

Essa exigência não é decorativa: é parte do processo mágico. O diário é a *vaso alquímico da iniciação*. Ele permite que a experiência — simbólica, visionária, ritual ou silenciosa — seja coagulada e integrada no Eu. O Tarot nos ensina isso claramente, especialmente pelo Atu IX, o *Eremita*, com quem se identifica o Mestre do Templo. Como expõe Crowley em *O Livro de Thoth: O Eremita representa a luz secreta que guia no escuro. Ele é o instrutor solitário, cuja sabedoria só se revela àqueles que pacientemente trilham a Senda com seu bastão. Mas sua luz está dentro: quem não escreve, quem não reflete, quem não se examina — jamais o verá.*

O bastão do *Eremita* é o Diário. Seu fogo é o Aforismo. Sua morada é o Silêncio. E sua tarefa é guiar. Assim se revela o verdadeiro método do Mestre: sem pressa, sem peso excessivo, com clareza, profundidade e fidelidade aos *Livros Sagrados*. Cada anotação do estudante é um degrau; cada carta, um espelho; cada prática descrita com sinceridade, uma oferenda à Estrela de Prata.

Agora, sobre a questão das *linhas de transmissão* da A:·A:·. Diz-se com frequência que a história é escrita pelos vencedores — mas no *esoterismo*, ela é *transmitida pelos sobreviventes*. O que sobrevive em nós, mais do que os nomes e documentos externos, é a corrente viva da Iniciação. A maior organização thelêmica do mundo hoje, a *Ordo Templi Orientis*, opera com uma linha da A:·A:· constituída em 1990 e.v. por dois ex-discípulos de Marcelo Ramos Motta (1931–1987): William Breeze (n. 1955), atual *Frater Superior* da O.T.O., e Daniel Gunther (1950–2024). O primeiro foi formalmente expulso por Motta; o segundo, declarado inapto à sucessão. Ainda assim, a O.T.O. oficializou essa linha como legítima ao publicar *Liber Vesta* no *The Equinox*, Vol. IV, No. 1 — uma publicação que se tornou, para muitos, um símbolo de legitimidade institucional.

Desde então, a O.T.O. tem trabalhado sistematicamente para descredibilizar qualquer outra *linha de transmissão* da A:·A:· — inclusive aquelas descendentes diretamente de Phyllis Seckler (1917-2004), cuja trajetória também carrega contradições: foi Probacionista por mais de 30 anos, e sua ascensão posterior gerou controvérsia. Mas o que importa nisso tudo? Nada — ao menos do ponto de vista iniciático. Porque a A:·A:· não é uma instituição exotérica: ela é uma cadeia esotérica. O verdadeiro vínculo não se estabelece por proclamações públicas ou rituais administrativos, mas por meio de um Superior espiritual que, estando em contato com os Chefes Secretos, transmite a Luz do Grau e aponta a porta ao aspirante. Como está escrito: *Pois aquele que verdadeiramente é admitido na A:·A:· recebe não um título, mas um Silêncio.* — *Liber Aleph*.

Essa é a chave: a transmissão é silenciosa e interior. Cada linha *oficial* apresenta sua *mnemohistória*, isto é, sua narrativa fundamentada em memórias, tradições, símbolos e mitos que validam sua origem. Mas toda *mnemohistória* tem agendas, explícitas ou implícitas. E todo símbolo aponta para algo além da literalidade — para um processo esotérico. Como ensina o 8º aethyr de *Liber 418: Todos esses Templos e Ordens, selos e nomes, são véus. São máscaras para proteger a verdade da profanação — e para proteger o profano da verdade.*

Nesse sentido, não importa qual o nome da *linha*: importa a autenticidade da transmissão espiritual vivida. E esta só pode ser validada por um critério: a transformação real do indivíduo ao longo do Caminho, porque *sucesso é a tua prova (Liber AL, III:42)*. O *sucesso* é a realização da Grande Obra, a deificação da alma na Cidade das Pirâmides. Essa verdade aparece de forma cristalina também no Atu IX, o *Eremita*. Nele, vemos a figura do Iniciador que caminha só, guiando pela luz interior, não pelas instituições. Como escreve Crowley em *O Livro de Thoth: O Eremita é aquele que segue o Caminho Oculto, transmitido de Mestre a Discípulo em silêncio. Ele é a semente do Logos no deserto da existência — e sua tocha não depende da aprovação de nenhuma assembleia.*

Dessa forma, a real transmissão ocorre na carne, na prática, no diário, na escuta do Anjo. Nenhum documento público pode substituir a presença do Superior que acompanha a caminhada do Aspirante com clareza, precisão e firmeza. Nenhuma sigla é mais válida do que um comentário iluminado sobre uma parábola de *Liber LXV*. E é por isso que manter o diário e seguir as Instruções da A·:·A·: é mais crucial do que tomar parte em qualquer discussão genealógica: pois aquele que registra fielmente sua prática entra em contato com os Chefes Secretos através da Verdade do próprio esforço. Como ensina o Mestre Therion em *Liber Aleph: Cada homem e cada mulher que trilha sinceramente o Caminho da Estrela está conectado à Ordem. Pois esta é uma Ordem Invisível, e só os Iniciados sabem que estão nela.*

A iniciação, então, é pessoal. A transmissão, embora relacional, é invisível. E o progresso é medido não por reconhecimento público, mas por transformação interior. Tudo o mais — as querelas entre *linhas*, as disputas sobre o passado, os títulos externos — são sombras no deserto que o *Eremita* atravessa com sua lâmpada acesa.

E se ainda restarem dúvidas sobre o valor real de uma *linha de transmissão* ou de uma instrução, convido-te à meditação de uma parábola do *Liber LXV* — aquela que narra a busca do beija-flor pelo veneno da serpente: *Houve também um beija-flor que falou ao cerastes de chifres, e rogou-lhe por veneno. E a grande cobra de Khem, o Santo, a real serpente Ureus, respondeu-lhe e disse: [...] Vive tu e teus filhos como eu e meus pais temos vivido, mesmo durante cem*

*milhões de gerações, e pode ser que a misericórdia dos Poderosos confira sobre teus filhos uma gota do veneno antigo. — Liber LXV, V:52–53.*

Essa imagem é luminosa em sua crueldade: o veneno da sabedoria não é dado por petição, mas por consagração. É preciso viver como a serpente vive — não como o beija-flor que salta de flor em flor. É preciso paciência, silêncio, resistência. Pois o veneno verdadeiro — que mata o Ego e desperta o Deus — é concedido só àqueles cuja *linha de transmissão* não é institucional, mas existencial. Aqueles cuja fidelidade se prova na repetição dos ciclos, e cuja iniciação não é decorativa, mas gravada a fogo na carne e na alma.

Medita, portanto, sobre essa serpente como símbolo da Verdade oculta, e sobre o beija-flor como tua própria alma inquieta. E contempla, ao lado dessa imagem, o Atu XIV do Tarot de Thoth, *A Arte*. Pois ali está revelado o segredo da transmutação silenciosa que une contrários e destila o elixir: a Luz interior que só se transmite quando dissolvemos a pressa, a disputa e a vaidade.

E se quiseres ir além, abre *Liber 418* e lê o 9º aethyr. Ali encontrarás que: *Nada senão a inocência pode ver a verdade; e a verdade só é visível quando não há mais desejo de compreendê-la.*

Segue, pois, como o Eremita que caminha com seu fogo oculto — e deixa que o próprio brilho da tua transformação silencie todas as dúvidas.

*Amor é a lei, amor sob vontade.*

Fraternalmente,  
Frater AHA-ON 777 ∴ 8º=3<sup>□</sup>  
*Praemonstrator do Outer College Brasil*